



Implicações históricas e identitárias do dia de Ação de Graças para o indígena estadunidense em uma obra de Sherman Alexie

Alba Krishna Topan Feldman

Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Letras Modernas, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brazil. E-mail: profa.alba@gmail.com

RESUMO. Muitas vezes, um evento extrapola seu próprio momento da história e se torna um símbolo da formação de uma identidade nacional, mas sempre há lapsos: fatos não contados, ou simplesmente apenas uma das versões da história. Este artigo tem como objetivo esclarecer alguns aspectos históricos que cercaram o surgimento do dia de Ação de Graças como feriado oficial nos Estados Unidos e como esse assunto é tratado na literatura indígena americana, mais especificamente no livro *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente*, de Sherman Alexie (2007). Para isso, será utilizada a abordagem pós-colonial que se explicitam os conceitos de transculturação, nação, resistência e subjetividade, tendo como base autores como Bhabha (1998), Ashcroft et al. (2007) e Pratt (1992) e também estudos sobre a escrita indígena por Vizenor (1998). Observa-se que, por meio de diversas estratégias, entre elas o humor e a crítica, Alexie questiona não apenas a situação histórica do indígena norte-americano no evento que deu origem ao dia de Ação de Graças, mas também mostra claramente os efeitos que aqueles fatos, formadores do pensamento nacional estadunidense, tiveram sobre o indígena estadunidense atualmente.

Palavras-chave: Escrita indígena, subjetividade, transculturação, teoria pós-colonial.

Historical and identity implications in Thanksgiving Day for native american people in a book by Sherman Alexie

ABSTRACT. An event frequently goes beyond its own place and time in history and becomes a symbol of formation for national identity, even though there are always gaps, untold facts, or simply one of several versions of the history is told. Current paper clarifies some of the historical aspects that surrounded the establishing of Thanksgiving Day as an official holiday in the United States, and how this issue is dealt with in Native American Literature, especially in Sherman Alexie's book *The Absolutely true diary of a part time Indian*. A postcolonial theoretical approach is used, emphasizing the concepts of transculturation, nation, resistance and subjectivity, based on the scholarly works by Bhabha (1998), Ashcroft et al. (2007) and Pratt (1992), coupled to Native American literary criticism by Vizenor (1998). Analyses show that, by using several strategies such as humor and criticism, Alexie questions not only the historical situation of the Native American in the United States, but also reveals the effects that those facts, which helped to produce US national thought, have on contemporary Native Americans.

Keywords: *Native American Writing*, subjectivity, transculturation, postcolonial theory.

Introdução

Em primeiro lugar, é importante salientar que o que será discutido nesse artigo não é propriamente o ato de agradecimento à Divindade por bênçãos recebidas, uma vez que esse ato está presente em praticamente todas as civilizações antigas, do Egito ao mundo Celta, também entre os indígenas das mais diversas tribos. O que será discutido aqui é como um evento religioso e cultural, cheio de significados e originado em um fato histórico que envolve a colonização dos Estados Unidos afetou e ainda afeta a escrita, o pensamento e as ações de toda uma etnia, nesse caso específico, dos nativos estadunidenses.

O objetivo deste artigo é abordar alguns aspectos históricos que cercaram o surgimento do dia de Ação de Graças como feriado oficial nos EUA e como este assunto é tratado na literatura indígena americana, mais especificamente no livro *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente*, de Sherman Alexie. Para isso, será utilizada a abordagem pós-colonial sobre nação, resistência e subjetividade, tendo como base Bhabha (1998), Ashcroft et al. (2007) e estudos críticos sobre a literatura indígena feitos por Vizenor (1998).

O foco da análise estará em três capítulos do livro: 'Me arrastando em direção ao Dia de Ação de Graças', o capítulo intermediário 'Minha irmã me manda um

e-mail' e 'Dia de Ação de Graças'. Esta análise auxiliará na compreensão sobre aspectos culturais dos Estados Unidos, em um feriado cujo sentido tem se espalhado pelo mundo, bem como na compreensão de aspectos pós-coloniais e dos efeitos da colonização sobre a população indígena estadunidense.

O dia de Ação de Graças – aspectos históricos de relevância

Antes de qualquer outro estudo é necessário que se conheça alguns aspectos históricos relevantes sobre o dia de Ação de Graças, para que se possa ter uma ideia da participação dos nativos americanos no evento, assim como no início da colonização. *Thanksgiving*, ou *Thanksgiving Day* (dia de Ação de Graças), comemorado na quarta quinta-feira de novembro nos Estados Unidos da América, foi transformado em feriado nacional em 1863, pelo Presidente Abraham Lincoln (SILVERMAN, 2013).

Porém, o acontecimento denominado normalmente de 'primeiro *Thanksgiving*' foi celebrado pelos primeiros colonizadores a serem bem-sucedidos em terras estadunidenses. A referência para o dia de Ação de Graças moderno vem da celebração ocorrida em 1621. Ocorreu em Plymouth, Massachusetts, em comemoração pelo sucesso da colheita ao final do primeiro ano do primeiro grupo bem-sucedido de peregrinos ingleses na Nova Inglaterra, em algum momento no final do verão daquele ano. Antes disso, entre 1616 e 1619, houve dezenas de desembarques na Nova Inglaterra. Tratava-se geralmente de marinheiros que escravizavam os índios e procuravam por tudo que tivesse valor na nova terra. Essas incursões por terra haviam custado muito caro aos índios, uma vez que, além dos confrontos diretos, sua presença trouxe doenças para as quais não havia proteção imunológica, como gripe e catapora, algo que ocorreu também no Brasil. Das aldeias costeiras dos Wampanoag e de outras tribos da nação Algonquina, nove em cada dez índios morreram. Fazem parte desta nação indígena, entre outras, as tribos Mohegan (Moicanos), Pequot (ou Pequods) e os Nipmut (AFTER THE MAYFLOWER, 2009).

As tentativas de colonização também foram frustradas nos EUA, até então. Como exemplo, entre 1605 e 1610, na Virgínia, a maior parte das famílias de colonizadores já havia perecido pelo tempo inclemente e as doenças da viagem. No grupo que veio a bordo do navio *Mayflower* e que chegou no inverno de 1620, das 120 pessoas que embarcaram, menos de 45 sobreviveram. Fracos e doentes, eles foram ajudados por Massasoit, chefe dos Wampanoag, com Squanto (que havia sido capturado e levado à Inglaterra e que fugira de volta aos EUA) como intérprete. Além do auxílio no tratamento das doenças

e das fraquezas do grupo, a ajuda veio na forma de alimento, proteção contra o inverno rigoroso que se aproximava e de ensinamentos preciosos sobre como sobreviver naquele país desconhecido: lugares, plantas e animais a evitar, onde e com o que se alimentar (JOHNSON, 2013).

Assim, ao final do primeiro ano em que conseguiram sobreviver naquele novo país de forma mais ou menos independente, convidaram os índios a participarem da comemoração daquele que seria o primeiro dia de Ação de Graças. A festa durou três dias, com a presença de 53 peregrinos e 90 Wampanoag. A comida era a representação de um mundo já híbrido em alguns aspectos: por um lado, trigo e outros resultados da colheita trazida da Europa, por outro, carne de caça e as 'três irmãs', a comida considerada sagrada pelos índios, presentes do Grande Espírito: a abóbora, o milho e o feijão (SHENANDOAH, 1997).

Bradford (1856), no relato mais famoso desses primeiros dias, *Of Plymouth Plantation*, ao falar do primeiro dia de Ação de Graças não citou a presença dos índios. Porém, Edward Winslow (2012, p. 1), em *Mourt's Relation*, descreveu com detalhes a presença deles, conforme segue:

Após nossa colheita ter acabado, nosso governador enviou quatro homens para caçarem, de forma que pudessemos nos alegrar juntos de uma maneira especial depois de termos recolhido os frutos de nosso trabalho. Os quatro em um dia mataram muitas aves, o tanto que, com um pouco de ajuda, poderia servir às visitas por quase uma semana. Naquela época, entre outros passatempos, nós treinamos com armas. Muitos dos índios vieram conosco, e entre eles seu grande rei Massasoit, com mais ou menos 90 homens, os quais, por três dias nós entretemos e festejamos, e eles saíram e mataram cinco gamos, que nós trouxemos para a colônia, e entregamos a nosso governador, ao capitão e a outros. E mesmo que aqueles não tenham sido tempos sempre tão fartos como foi aquele período, ainda assim pela graça de Deus, nós estávamos tão longe da necessidade que desejamos frequentemente compartilhar de nossa abundância¹.

Porém, a morte dos indígenas continuou. Paradoxalmente, os peregrinos atribuíram isso ao fato de que Deus estava "[...] limpando a terra prometida

¹ (Os textos originalmente escritos em inglês constantes destas notas foram traduzidos livremente pela autora do artigo) "Our harvest being gotten in, our governor sent four men on fowling, that so we might after a special manner rejoice together after we had gathered the fruits of our labor. They four in one day killed as much fowl as, with a little help beside, served the company almost a week. At which time, amongst other recreations, we exercised our arms, many of the Indians coming amongst us, and among the rest their greatest king Massasoit, with some ninety men, whom for three days we entertained and feasted, and they went out and killed five deer, which we brought to the plantation and bestowed on our governor, and upon the captain and others. And although it be not always so plentiful as it was at this time with us, yet by the goodness of God, we are so far from want that we often wish you partakers of our plenty."

dessas criaturas perniciosas [...]” para eles, o povo escolhido (AFTER THE MAYFLOWER, 2009, 16’50”). Em menos de uma geração, os colonos aumentaram de 300 a 20.000 pela estrutura urbana que começava a surgir nas colônias, enquanto a população indígena diminuiu proporcionalmente não apenas pelas doenças, mas também por confrontos diretos com os colonos e o exército: quando os Pequod se tornaram uma ameaça à expansão dos colonizadores, uma equipe de soldados de Plymouth e Massachusetts queimou a tribo toda até a morte. Massasoit morreu em 1650, deixando para seu filho, Metacomet, um grupo pequeno, na maioria forçado a se tornar cristão como forma de sobrevivência, como vários outros grupos indígenas que viviam na região naquela época. Quando Metacomet tentou defender seu povo, houve uma guerra declarada dos colonos contra os Wampanoag, que terminou tragicamente para os índios em *Mount Hope*, com a destruição de todos os remanescentes da tribo, o esquartejamento de Metacomet e a posterior distribuição das partes de seu corpo para as colônias, no intuito de coibir novas revoltas (AFTER THE MAYFLOWER, 2009).

Mas os fatos ligados ao primeiro dia de Ação de Graças têm implicações mais profundas, ligadas à noção de nacionalidade americana: além da ligação com o surgimento da primeira colônia que floresceu efetivamente nos EUA (os ‘país’ da nação), a comemoração também tem papel importante na Revolução da Independência Americana, quando houve a primeira proclamação nacional como feriado do dia de Ação de Graças pelo Congresso, em 1777, sancionada por George Washington. Assim, o evento também marcou o fortalecimento do sentimento nacional na luta contra os ingleses após a independência.

Aliado a isso, foi Abraham Lincoln, ícone e personagem-chave de outro capítulo essencial da formação nacional americana, quem decretou o dia permanentemente como feriado nacional, trazendo definitivamente para o campo civil uma data religiosa que traz implicações identitárias para a nação. Assim, o dia de Ação de Graças transformou-se em uma tradição que é mantida até os dias atuais. Essa informação adquire importância vital quando se observa o valor da ideologia de nação para a construção do espaço pós-colonial onde se embatem múltiplas culturas e etnias, envolvendo aspectos de poder e dominação, como podemos ver na afirmação de Ashcroft et al. (2007, p. 136, tradução nossa)²:

² “The confusion of the idea of the nation with the practice and power of the nation-state makes nationalism one of the most powerful forces in contemporary society. It also makes it an extremely contentious site, on which ideas of self-determination and freedom, of identity and unity collide with ideas of suppression and force, of domination and exclusion. Nations and nationalism are profoundly important in the formation of colonial practice.”

A confusão da ideia de nação com a prática da nação-estado faz do nacionalismo uma das forças mais poderosas na sociedade contemporânea. Também o faz um local extremamente polêmico, no qual ideias de autodeterminação e liberdade, de identidade e unidade colidem com ideias de supressão e força, de dominação e exclusão. As nações e o nacionalismo são profundamente importantes na formação da prática colonial.

A liberdade da opressão inglesa por ocasião da independência continuava a produzir o direcionamento ideológico de domínio europeu, configurando a dominação pós-colonial. Assim, o mito de unidade nacional criado pela nação-estado americana fez com que o genocídio indígena fosse sancionado, mesclado com ideias de liberdade, pois também pressupõe um domínio étnico. Não se pode deixar de notar, portanto, o papel da etnicidade como subsidiária e elemento de reforço da identidade nacional. É nesse contexto, portanto, em momentos essenciais para a formação do caráter nacional estadunidense que o feriado Ação de Graças é consolidado, também como lembrança da sobrevivência dos primeiros homens e mulheres que chegaram ao país com intenção de criar raízes na nova terra.

Essa ligação do nacionalismo com a colonização e todas as implicações de dominação como as citadas acima fizeram, assim como o dia de Colombo na atualidade, o dia de Ação de Graças, um feriado controverso entre alguns grupos ativistas indígenas. Assim, ativistas como o índio da tribo Wampanoag, Frank ‘Wamsutta’ James sugere a criação de um dia de protesto no lugar do feriado, denominando-o de ‘Dia Nacional do Luto’, comemorado com atos de jejum em protesto por prisioneiros políticos e contra o genocídio indígena (WAMSUTTA, 1970). Essa não é a visão de todos os índios, uma vez que há outros grupos que tentam conciliar o ato de ação de graças com similares na tradição indígena, como o ‘wopila’, das tribos das planícies.

Sherman Alexie

Sherman Joseph Alexie Jr. é um índio Spokane e Coeur d’Alene, que nasceu em 1966, e é autor de romances, contos, poemas e roteiros para cinema. Os temas abordados em sua obra variam desde assuntos de interesse humano em geral (como adolescência, criminalidade, amor, entre outros), até assuntos mais específicos, reflexões sobre a condição de ser indígena em um país onde os mesmos estão, em sua grande maioria, abaixo do nível da pobreza, profundamente envolvidos com gangues, alcoolismo e altíssimos níveis de suicídio. Porém, uma das características mais marcantes de Alexie é

seu humor. Sua ironia e frases de efeito contrabalanceiam um mergulho amargo nos próprios paradoxos da vida.

Como dados importantes de sua biografia para que se entenda a obra estudada, podemos citar o fato de Alexie ter nascido e crescido na reserva indígena dos índios Spokane, em Wellpinit, Estado de Washington. Nasceu com hidrocefalia, com uma saúde muito frágil, que o obrigou a se tornar um leitor assíduo, que prontamente se revolta contra os métodos antigos da escola da reserva. Por esse motivo, escolhe estudar em Reardan, 35 km de distância da reserva, em uma escola de brancos. Mais tarde, ele frequentou a Gonzaga University antes de transferir sua matrícula para a Universidade do Estado de Washington (Washington State University). Foi um dos primeiros membros de seu povo a se formar em curso superior. Enquanto estava na faculdade, teve que lutar contra o alcoolismo, problema que conseguiu contornar quando começou a escrever. Também se sobressaiu como jogador de basquete.

Seus trabalhos receberam inúmeros prêmios, como seu primeiro livro de poemas, *The business of Fancydancing*, que ganhou o prêmio de livro do ano de 1992 pelo jornal New York Times, fato repetido em 1996 por seu romance denso, *Indian Killer*, traduzido em português como 'Matador índio'. O roteiro de seu filme *Smoke Signals* (1998), baseado no conto *This is what means to say Phoenix, Arizona*, do livro *Lone Ranger And Tonto's first flight to Heaven* ganhou um prêmio no *Tokyo International Film Festival*, em 1998.

O livro analisado nesse artigo, *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* ganhou o prêmio *National Book Award* em 2007, e configura-se na primeira incursão de Alexie pela literatura infanto-juvenil, embora vários de seus contos envolvam as vidas de adolescentes indígenas, como o romance *Reservation Blues* e o roteiro cinematográfico *Smoke Signals* (NATIONAL BOOK FOUNDATION, 2007).

Em 2010, o livro analisado ganhou diversos prêmios na Califórnia, porém, já nasceu extremamente controverso. Por tratar de temas como violência, morte, alcoolismo, despertar da sexualidade na adolescência, entre outros considerados tabus em um livro infanto-juvenil, algumas cidades e escolas baniram o livro, entre elas Stockton (Missouri), Richland (Washington) e Newcastle (Wyoming). A proibição do livro, aliada a um artigo falando que os atuais livros infanto-juvenis são cheios de violência, vampiros, morte e terror que citava *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* como exemplo, provocou

uma resposta por parte de Alexie em um artigo publicado em 2011, no *Wall Street Journal*, intitulado *Why the Best Kids Books Are Written in Blood* (Por que os melhores livros infantis são escritos em sangue), no qual ele argumenta que as tentativas de impedir que as crianças em idade escolar tenham conhecimento dos aspectos mais duros da vida surgem muito tarde, pois muitas delas já chegaram a vivenciar essa realidade em suas vidas cotidianas. Para isso, ele usa sua própria vida como exemplo:

Claro que durante toda minha infância, meus supostos salvadores em potencial tentaram salvar meus companheiros de tribo. Eles tentaram me salvar. Mas, mesmo então, eu só podia rir de sua ignorância. Naqueles dias, os conservadores culturais pensavam que o KISS e o Black Sabbath iam impedir meu desenvolvimento moral. Eles queriam me proteger do sexo quando eu já havia sido estuprado. Eles queriam me proteger do mal mesmo que um serial killer já tivesse abusado de mim. Eles tentaram me fazer professar meu amor por Deus sem considerar que eu era filho e neto de homens e mulheres que haviam sido sexualmente e fisicamente abusados por gerações do clero (ALEXIE, 2011, p. 1)³.

Alexie conta que visitou muitas salas de aulas, conversou com muitas crianças e recebeu cartas e mensagens de muitas delas que gostaram do livro, descrevendo com frequência situações similares que viveram, coisas como depressão, tentativas de suicídio, lutas de gangues, abusos físicos e sexuais, pais ausentes, pobreza, racismo e dificuldades de aprendizagem. Afirma que, ao invés de protegerem as crianças, críticos com esse pensamento querem apenas proteger sua própria visão do que seria a literatura, ou do que ela deve ser. O autor termina dizendo que o sangue e os monstros da literatura jovem atual ajudam os jovens e crianças a lutarem contra os monstros que residem em suas próprias vidas (ALEXIE, 2011).

Apesar de toda a polêmica provocada, o livro é cheio de pensamentos bem-humorados e a prosa de Alexie é irônica e mordaz, embora leve. Esse aspecto é facilitado pelo fato de a história ser narrada em primeira pessoa por Arnold Spirit Jr., um adolescente de 14 anos vivendo na reserva Spokane de Wellpinit com seus pais, avó e uma irmã, Mary. No entanto, as coincidências com a biografia de Alexie não param por aí: ele também teve

³ "Of course, all during my childhood, would-be saviors tried to rescue my fellow tribal members. They wanted to rescue me. But, even then, I could only laugh at their platitudes. In those days, the cultural conservatives thought that KISS and Black Sabbath were going to impede my moral development. They wanted to protect me from sex when I had already been raped. They wanted to protect me from evil though a future serial killer had already abused me. They wanted me to profess my love for God without considering that I was the child and grandchild of men and women who'd been sexually and physically abused by generations of clergy."

hidrocefalia, também estudou na escola de Reardan e também participou do time de basquete. Podemos afirmar que Arnold é quase uma sombra autobiográfica de Alexie. O desenvolvimento do enredo, especialmente no que diz respeito aos capítulos abordados, será discutido na sequência.

O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente

Arnold Spirit Jr., o narrador adolescente da história, vive na reserva Spokane, tendo nascido com excesso de fluido espinal no cérebro, o que o descrevia como tendo ‘água no cérebro’. Isso o levava a sofrer bullying e apanhar com frequência dos colegas por sua cabeça grande, por sofrer espasmos e desmaios e por sua vista curta. O pai era um alcoólico que sonhava em ser músico, a mãe, professora, mas não conseguiram estudar. A irmã passava seus dias fechada no porão da casa, até que foge com um indígena de outra reserva. Arnold era defendido por Rowdy, o menino mais durão da escola, muito maltratado por um pai bêbado. No seu primeiro dia de ginásio, Arnold descobre que estava usando o mesmo livro que sua mãe usara anos atrás na escola e se desespera, levado pela perspectiva apavorante de repetir a mesma vida infeliz de seus pais, em uma reserva que não pode nem sequer comprar livros novos para suas crianças. Como reação imediata, joga o livro no professor, Sr. P., e acaba suspenso. Sr. P. visita Arnold, e fala de como ele havia visto indígenas brilhantes perderem a esperança na reserva, entre eles, a irmã de Arnold, Mary, que sonhava em escrever romances. Sr. P. sugere que Arnold é um sobrevivente e que deveria tentar estudar fora da reserva, caso contrário, seria levado a desistir de uma vida melhor, como os outros. Arnold, então, resolve procurar um pouco de esperança na escola Reardan, frequentada por brancos. Seus pais também não querem que Arnold tenha o mesmo destino que eles, e terminam por concordar com sua transferência. Porém, os outros índios da reserva, especialmente Rowdy, ficam extremamente ofendidos, chegando à ofensa física. Rowdy ataca Arnold.

Ironicamente, Arnold é o único índio em Reardan, além da mascote desenhada. Ao ser tratado mal por um grupo de alunos, ataca para se defender e consegue, assim, o respeito do líder e dos demais alunos da escola. Nesse período, ele se apaixona por Penelope, uma menina branca, faz amizade com Gordy, que o ensina a amar os livros, e se torna um dos melhores jogadores de basquete da escola, inclusive tendo que enfrentar o time de sua própria reserva em dois jogos. Ao mesmo tempo, ele procura recuperar sua amizade com Rowdy.

Logo após o dia de Ação de Graças, várias tragédias acontecem na vida de Arnold: sua irmã morre em um incêndio no trailer em que vivia com o marido; o melhor amigo de seu pai, Eugene, leva um tiro no rosto quando brigava pelo último gole de vinho da garrafa, e sua avó, mulher sábia, que o ajudava muito, é atropelada por um índio bêbado. Apesar do sofrimento, Arnold consegue continuar estudando e superar as dificuldades, tirando boas notas na escola, e descobrindo que pertencia a diversas ‘tribos’ diferentes.

Análise

O capítulo ‘Me arrastando em direção ao Dia de Ação de Graças’ mostra um resumo da vida de Arnold em Reardan, as dificuldades para chegar lá e a depressão de estar em um lugar sentindo-se deslocado. No texto desse capítulo, aparece a explicação para o título do livro e do fato de Arnold ser um índio de meio expediente:

Espinhento e solitário, eu acordava na reserva como um índio e, em algum ponto da estrada, me transformava em alguma coisa inferior a um índio. E, quando chegava a Reardan, já havia me tornado algo menos do que menos que índio (ALEXIE, 2007, p. 114).

O primeiro momento já apresenta a identidade cindida definida por Hall (2005), na qual o sujeito é descentrado, e não uno e indivisível, conforme o proposto pelo pensamento Cartesiano. Mesmo sem ter saído geograficamente de sua reserva, afastado dela apenas 35 km e durante um período do dia, Arnold cinde sua vida, e cria uma vida dupla, com todos os aspectos de adaptação que isso implica.

A escola tenta objetificá-lo. Como o único outro índio da escola, a estampa da mascote, Arnold é obrigado a silenciar e, portanto, manter-se no status de objeto (a figura desenhada do mascote índio da escola), ou, ‘menos que índio’. Um exemplo desse convívio problemático no capítulo é o seguinte evento apresentado no capítulo: o professor Dodge comete um erro ao explicar um assunto de biologia, sendo timidamente corrigido por Arnold. A intervenção é recebida com ironia. O professor não deixa de mencionar o fato de ele ser um índio, ou seja, deslocado em uma escola para brancos, criticando qualquer conhecimento que ele possa ter conseguido e sua origem:

Muito bem, Arnold – disse Dodge – onde foi que você aprendeu esse fato? Na reserva? Sim, todos nós sabemos que os progressos da ciência são espantosos na reserva (ALEXIE, 2007, p. 117).

Assim, Arnold perdera sua identidade: não havia saído completamente da reserva, mas com certeza não havia sido aceito em Reardan. Pratt (1992)

afirma que o contato entre diferentes culturas nunca é igualitário e por isso mesmo nunca é isento de violências e imposições. Por esse mesmo motivo, é praticamente impossível aos representantes da cultura dominante na escola (a cultura trazida pelos europeus) aceitarem que um indígena esteja correto. Até aquele momento, Arnold não havia falado. Por essa razão, o fato de ele estar certo gera uma reação negativa por parte do professor.

O final do evento mostra as consequências da autodefesa do professor. Após risadas vexatórias de seus colegas de classe, o aluno mais inteligente da turma, Gordy, corrige o professor e endossa a opinião de Arnold. O professor fica sem ação e agradece a explicação de Gordy, mas não menciona a interferência de Arnold. Assim, o branco recebe os louros do conhecimento, mas o índio permanece ignorado, ainda condenado à vergonha. Mohan (2009, p. 133) coloca em evidência a marginalização de estudantes de outras etnias em escolas:

Ouvi muitos exemplos das formas pelas quais os estudantes multi-étnicos são marginalizados inconscientemente e ignorados nas escolas, excluídos de atividades e aulas relacionadas à diversidade e levados a se sentirem como se devessem escolher entre suas heranças múltiplas⁴.

Aqui, não se trata de uma personagem que resulta do hibridismo de diversas etnias, mas do embate multicultural: Arnold não se vê obrigado a escolher entre duas etnias das quais tenha vindo, mas entre dois aparatos culturais com os quais ele deve conviver. Ele é cobrado e ridicularizado pelo seu conhecimento e convivência na tradição indígena, enquanto seu conhecimento da cultura branca é questionado pela sua simples origem.

Para Foucault (1999), as práticas discursivas são responsáveis pela construção das sociedades e veículos da própria história. Mas os discursos também têm relações de poder, prevalecendo sobre outros. Essa hierarquia de poder é gerada pelo conhecimento, especialmente o conhecimento científico, o que justificaria a dominação. A cultura que detém o conhecimento pelo discurso possui a hegemonia. Dessa forma, quando Arnold mostra domínio da linguagem e do conhecimento, ele provoca a reação do poder constituído, na figura do professor, que precisa silenciá-lo, primeiro ridicularizando-o e, quando essa estratégia não funciona, ignorando-o. Mesmo assim, Arnold consegue fazer-se ouvir pela sua classe e, principalmente, pelo detentor do conhecimento dentre os alunos, Gordy.

⁴ "I heard frequent examples of the ways in which multiethnic students are unintentionally marginalized and ignored in schools, excluded from diversity related lessons and activities and made to feel as they must choose between their multiple heritages."

O questionamento do professor e a resposta de Arnold também marcam o início da amizade entre os dois adolescentes, Gordy e Arnold, pela afinidade de serem crianças deslocadas na escola. Mais uma vez, há um exemplo então, de subjetividade cindida, não apenas pela etnia (um índio em uma escola de brancos), mas um menino diferente (um branco estudioso que amava livros, ou seja, considerado pelos outros um *nerd*).

Na sequência do capítulo, Arnold fala, de maneira muito bem humorada, das dificuldades que tinha para percorrer os 35 km que o separavam da escola, ilustrada ricamente por cartuns, recurso utilizado pelo autor, pois Arnold é um 'cartunista em formação'. Porém, como foi visto acima, essa distância não é apenas física, mas cultural, étnica e psicológica. Portanto, todas essas dificuldades também são metáforas para a distância psicológica, cultural e social que o separava do grupo que frequentava a escola de Reardan. 'Arrastar-se em direção ao dia de Ação de Graças' significa metaforicamente a tentativa do indígena em ficar em harmonia com o homem branco. Porém, ao mesmo tempo, levado pela consciência de que, naquele momento, Arnold não conseguiria ser mais indígena, nem branco. Trata-se da sensação penosa na tentativa de adaptar-se a uma nova cultura e a um padrão totalmente diferente da reserva, em um lugar onde ele é considerado inferior pela maioria.

Na continuação do capítulo, Gordy e Arnold começam uma amizade, e Gordy faz Arnold compreender que

[...] é como se cada um desses livros fosse um mistério. E se uma pessoa lesse todos os livros escritos até hoje, ficaria sabendo de um mistério gigantesco. E por mais que a pessoa aprenda, tem sempre mais para aprender (ALEXIE, 2007, p. 134).

Nas palavras de Gordy, livros dão "[...] um tesão metafórico [...]" (ALEXIE, 2007, p. 134). Esse momento também traz uma representação do indígena como sujeito, de forma a se apropriar do conhecimento trazido pelo europeu, em uma sociedade que não é a sua e que tenta transformá-lo em um objeto sem voz. Traça-se, aqui, o paralelo com a participação de Massasoit e dos Wampanoag numa festa religiosa que não lhes pertencia. A hibridização do conhecimento.

Existe um capítulo intermediário entre o capítulo 'me arrastando...' e 'o dia de Ação de Graças'. O capítulo é um e-mail da irmã, falando da reserva Flathead onde estava vivendo após fugir com um indígena daquele local. É importante destacar o fato de que no e-mail é descrita a convivência entre brancos e índios, uma convivência difícil, e o fato de

que alguns brancos, que viviam dentro da própria reserva e tentavam sua “[...] própria guerra de secessão [...]” (ALEXIE, 2007, p. 137), expulsando os índios de seus lares. Mesmo sem uma diferença espacial e temporal entre as duas culturas naquele momento, elas se estabelecem em uma fronteira de convívio e hierarquia. No entanto, as culturas narradas na cena são desiguais, sendo que no ‘território branco’, o indígena não poderia estar correto, não poderia ter voz, e Arnold não tem voz. Mas, na reserva, os brancos continuam seguindo sua agenda de tomar as terras e expulsar os índios daquilo que lhes fora atribuído pelos próprios brancos em uma sucessão de tratados quebrados, conforme a própria história americana mostra. O capítulo parece ilustrar a própria convivência entre indígenas e brancos depois do dia de Ação de Graças histórico.

O capítulo ‘dia de Ação de Graças’ faz a única menção direta ao evento histórico, descrevendo-o da forma que um adolescente indígena o veria:

Eu sempre acho engraçado quando os índios comemoram o dia de Ação de Graças. Tudo bem que os índios e os peregrinos estivessem numa boa no primeiro dia de Ação de Graças, mas pouco tempo depois os peregrinos já estavam matando os índios a tiro. Por isso, eu nunca sei bem por que nós comemos peru como todo mundo (ALEXIE, 2007, p. 139).

Assim, o narrador-personagem lembra o fato histórico pouco difundido nos EUA, no qual os índios Wampanoag, presentes no primeiro dia de Ação de Graças sob a liderança de Massasoit, foram dizimados apenas alguns anos após o evento. Também essa é a primeira obra ficcional, seja ela adulta ou infanto-juvenil, a mostrar a visão indígena do fato histórico da qual a pesquisadora tem notícia. Porém, apesar da crítica ser muito clara, o estilo bem-humorado e irônico de Alexie (2007, p. 137) se apresenta:

- Ei, Pai, - perguntei -, por que os índios devem dar tantas graças a Deus?
- Devemos ser gratos por não terem matado todos nós.
- Demos boas gargalhadas. Foi um dia bom. Papai estava sóbrio. Mamãe se preparava para tirar uma soneca. Vovó já estava tirando uma soneca.

Apesar de demonstrar, mesmo que de maneira bem-humorada, o mal-estar histórico do indígena frente a um ato de nacionalidade que evoca as perdas que a população indígena sofreu no decorrer dos séculos, a própria lembrança do fato traz uma resistência e a recuperação da voz do indígena (VIZENOR, 1998).

O restante do capítulo descreve a falta que o narrador-personagem sentia de seu amigo Rowdy. Ele faz um desenho dos dois em dias alegres e leva à casa do garoto. O pai abusivo e violento de Rowdy recebe o desenho e afirma que vai dar ao filho, apesar de achar aquilo “[...] meio gay [...]” (ALEXIE, 2007, p. 141). Quando Arnold se certifica de que o amigo recebera o desenho e que não o rasgara, percebe que aquilo era um sinal de que Rowdy ainda se importava com ele, e volta para casa feliz e esperançoso de que a amizade dos dois ainda poderia ser recuperada.

Em um âmbito geral, os capítulos abordados parecerem tratar menos do dia de Ação de Graças e mais do dia a dia de Arnold, mas, como o próprio Alexie alerta no caso do ‘tesão metafórico’ na voz da personagem Gordy, também o leitor pode ver toda a situação como metafórica, representando a relação entre brancos e índios, inclusive com referências bem claras ao primeiro dia de Ação de Graças. A irmã descreve o fato de os brancos quererem expulsar os índios de suas terras, dentro da própria reserva indígena, depois de serem recebidos pelos índios e tratados como amigos ali, como os peregrinos agiram com os Wampanoags e com os indígenas em geral.

Ainda comentando o fato de os indígenas serem ‘mortos a tiro’, Arnold afirma: “Por isso eu nunca sei bem por que nós comemos peru como todo mundo [...]” (ALEXIE, 2007, p. 139). O peru não era apenas uma ave presente no primeiro dia de Ação de Graças, mas anteriormente também era um alimento indígena sagrado por séculos, denominado de ‘a águia das pradarias’, símbolo da doação. Foi como doação que Massasoit e seu grupo levaram as aves e outros tipos de caça aos peregrinos no primeiro dia de Ação de Graças, juntamente com outros alimentos sagrados aos índios, tradicionais na refeição do dia de Ação de Graças até hoje, como o milho e a abóbora. A crítica de Arnold/Alexie não está na simbologia da ave peru para os brancos (agradecimento), mas no fato de os índios sucumbirem a essa nova roupagem dada a um alimento que para eles já tinha uma especificidade sagrada. O costume branco de agradecimento enfatizado na figura do peru acaba por dar margem a questionamentos acerca da própria condição indígena de submissos e silenciados, sem ter muitas coisas pelo que agradecer. Por que então o indígena deveria comer peru como todo mundo, em agradecimento?

Nas palavras de Vizenor (1998), o índio é uma ausência decretada por questões culturais, pela história e pelos estereótipos. Ele apontou especialmente três tipos representados na literatura e

na mídia: o selvagem sanguinário, a raça romantizada e extinta, e o mestiço, que pode ser tanto o estereótipo do ser perdido entre duas culturas, que não pode se encaixar em nenhuma delas (o mestiço trágico), ou aquele que seria o sinal da degeneração das duas etnias (de acordo com o Darwinismo social).

De qualquer forma, nenhuma dessas figuras é considerada como sujeito de suas ações, ou tem maneira de se expressar: o selvagem, pelo fato de que não domina a consciência e nem a razão, estereótipo baseado nos relatos dos soldados e dos pioneiros; o índio romantizado é silenciado por ser considerado membro de uma raça em vias de extinção ou já extinta, a quem não se pode salvar – cujo exemplo máximo é Chingachgook, o último dos Moicanos, do romance homônimo de James Fenimore Cooper. O mestiço degenerado não tem voz por ser essencialmente ‘mau’, revelando o pior das duas raças, que tem como exemplo a personagem Injun Joe, de *Tom Sawyer*, obra de Mark Twain, enquanto que o mestiço trágico é representado por *Cogewea*, do romance homônimo de Mourning Dove, mostrando uma mulher indígena que sofre segregação tanto dos brancos quanto dos índios por ser mestiça. Assim, o que se torna patente na literatura que se refere ao indígena norte-americano, e às culturas e etnias não europeias em geral, é o fato de que eles não têm voz – são grupos sobre quem se fala e em nome de quem se fala. Dessa forma, eles se tornam ausências, cuja identidade não é mais presente.

Vizenor usa o termo *survivance* (sobrevivência), que engloba temas de resistência ativa e continuada, representada nas literaturas indígenas, contra políticas que muitas vezes são abertamente genocidas. A teoria defendida por Vizenor no geral de seu trabalho como crítico literário é um dos elementos mais importantes para o estudo das obras escritas por indígenas norte-americanos, pois ele estuda ‘as brechas’, os silêncios propositais e as afirmações subentendidas em algum lugar mudo no texto indígena, num jogo de ausência que termina por reafirmar a presença do nativo (VIZENOR, 2008).

O índio está ausente da história americana, conforme o citado acima, mas essa ausência não é apenas algo retórico, que envolve as tribos e nações indígenas como um todo, mas cada indivíduo. Esta ausência também é discutida em ‘O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente’ em diversas formas. Alguns exemplos disso são a mascote desenhada, o índio se tornando ‘menos que um índio’, o fato de o professor ignorar a presença de Arnold e sua voz.

Outro aspecto importante abordado é o caminho de Arnold Spirit Jr. em direção à sua identidade, mas não uma simples busca individual, e sim algo que envolve também questões culturais e históricas, como negociação, adaptação, resistência e sobrevivência.

Ao entrar em Reardan, Arnold observa esse lugar no limbo determinado aos indígenas em uma escola que procura transformá-lo em uma ausência, uma vez que o único índio existente naquele lugar é uma figura distante e sem voz, um desenho – a mascote do grupo. Arnold vive esse ato de esfacelar-se e tornar-se essa “[...] alguma coisa inferior a um índio [...]” (ALEXIE, 2007, p. 114). Nesse sentido, em um âmbito maior, Reardan simboliza o microcosmo da própria sociedade e as relações raciais existentes que ali ocorrem também representam as relações entre indígenas e brancos no dia a dia. Assim, a literatura acaba por representar os aspectos de etnia, raça e nacionalidade pela formação da identidade, conforme Appiah (1990, p. 287, grifo do autor) comenta:

As diferenças entre as pessoas, assim como as diferenças entre comunidades dentro de uma única sociedade, têm um papel central em nosso pensamento sobre quem ‘nós’ somos, em introduzir nossos valores e em determinar as identidades pelas quais vivemos. No último século e meio, tão ligadas que dificilmente podem ser separadas, elas tiveram um papel central em nosso pensamento sobre essas diferenças, e uma vez que um dos contribuintes para o nacionalismo moderno foi ver a literatura como elemento central da vida nacional, a raça tem sido central para a literatura e para este período⁵.

O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente, como obra literária, vai contra as expectativas, e por isso representa a resistência. Torna-se um questionamento ao nacionalismo americano em uma de suas instituições, que é um feriado como um símbolo de formação nacional especialmente no que tange as relações raciais dos grupos étnicos que fizeram parte do cenário original da formação do símbolo. Tanto os eventos históricos que cercaram o dia de Ação de Graças na obra, quanto a vida de Arnold em Reardan retratam a busca de sua identidade como sujeito, assim como a busca de uma negociação dentro da comunidade e de um contexto maior, da cultura nacional, onde o sujeito e sua cultura original se deixam entrever por

⁵ “Differences among peoples, like differences among communities within a single society, play a central role in our thinking about who ‘we’ are, in introducing our values, and in determining the identities through which we live. In the last century and a half racialism and nationalism, often so bound up together that one can hardly tell them apart, have played a central role in our thinking about those differences, and since one of the contributors of modern nationalism has been to see literature as central to national life, race has been central to literature and to thought about literature throughout this period.”

pequenos atos como a tímida interferência de Arnold diante de um erro do professor:

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. Já não estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, o momento em que a demanda pela identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política (BHABHA, 1998, p. 83-84).

Assim, questionar o professor foi mais que simplesmente colocar em dúvida o conhecimento do indivíduo que o transmitia, mas também demonstrar a presença do sujeito Arnold e do grupo que ele representava (os índios, a reserva), reafirmando sua voz, sua inteligência e sua identidade. Desta forma, Arnold questiona o conhecimento dos próprios detentores do conhecimento, ou seja, da cultura nacional dominante, apropriando-se do poder.

Mesmo que o dia de Ação de Graças seja citado apenas em algumas linhas, o aspecto de contato entre índios e brancos evocado pelo primeiro dia dessa comemoração, a convivência entre culturas diferentes está presente em todos os capítulos: no capítulo ‘me arrastando...’, vemos o índio perder sua identidade e tornar-se um índio de ‘meio expediente’ por estar convivendo em um ambiente de brancos que não tinha lugar para ele, enquanto tenta negociar. Ao mesmo tempo, o capítulo também mostra o caminho – metafórico e físico – cheio de dificuldades seguido por Arnold para chegar à escola e à sua identidade. O caminho físico é demonstrado em uma série de intempéries que o impossibilitava de chegar ao local (o carro estraga, o pai fica bêbado demais para dirigir, a falta de carona, não há dinheiro para a gasolina, entre outros problemas). O caminho metafórico aparece na dificuldade da perda e no reencontro paulatino de sua identidade em um mundo antagônico que estereotipa o indígena a ponto de torná-lo uma ausência, mesmo que presente.

O estranhamento de Arnold e a reação do branco se dão principalmente pela não adequação de sua identidade, aprendida e defendida na reserva, à figura estereotipada à qual a escola tenta enquadrá-lo. Essa discrepância entre o que o personagem é e o que a sociedade espera dele acaba por torná-lo depressivo, uma vez que implica em uma guerra interna entre os saberes que ele já tinha, desvalorizados no mundo que ora se apresenta e todo um construto de saberes a respeito do indígena,

criados sem sua presença ou sem sua voz. Acrescente-se a isso a impossibilidade de adaptação às convenções ‘brancas’, que não permitem sua expressão de pensamento, visto que já existe uma imagem pré-definida do povo indígena como os tolos paralisados e silenciosos, representados pela mascote da escola.

A irmã de Arnold fugindo é um reflexo da própria busca de Arnold que, quando decidiu ir estudar em Reardan acaba inspirando-a a procurar o seu caminho. Ele soube que a irmã sonhava em ser escritora de romances. Mas, ele percebe, nesse capítulo, que ela queria mesmo era viver um romance. A irmã, no entanto, é o símbolo do índio que procura se afastar dos brancos para sobreviver. Os capítulos futuros mostram que ela agiu como Metacomet, procurando se juntar a outras tribos para fugir dos brancos (no caso de Mary, o marido dela era um indígena Flathead). De qualquer forma, como Metacomet, o final dos índios que procuram fugir da cultura dos brancos, como Mary e a avó, é a morte, provocada de uma ou outra forma pela cultura branca (a avó é atropelada por um motorista bêbado, e Mary juntamente com o marido são mortos enquanto estão dormindo em seu trailer, que pega fogo enquanto estão bêbados).

Outro aspecto da convivência entre índios e brancos é a revolta dos brancos da reserva *Flathead*, querendo expulsar os índios de suas terras, citado pela irmã de Arnold no e-mail que ela envia. A convivência entre brancos e índios dentro das reservas era permitida quando havia venda de terras indígenas aos não indígenas. Neste caso, a irmã também afirma que

Apesar de a aldeia [a cidade pequena em que os homens brancos viviam] ficar no meio da reserva, os brancos de lá decidiram que não queriam ser parte da reserva. Muito doido isso. Mas a maioria das pessoas aqui são legais (ALEXIE, 2007, p. 137).

Isso também representa uma metáfora para a relação histórica entre índios e colonizadores europeus, uma vez que os últimos necessitaram dos primeiros em seus momentos difíceis na nova terra, mas que, depois de conseguirem sobreviver de forma independente onde viviam, acabam por expulsar os índios de seus lugares. Os brancos montaram sua própria aldeia dentro da reserva, foram bem recebidos pelos índios e, como os peregrinos, se consideraram donos da terra, tentando expulsar os indígenas.

Ao dizer que os índios devem dar graças a Deus por não terem sido todos mortos, o pai afirma a identidade indígena como sujeito, mostrando uma presença pela ausência imposta pelo fato histórico.

No diário mais famoso de Plymouth (*Of Plymouth Plantation*), local do primeiro dia de Ação de Graças, escrito em 1630 e 1647 pelo governador William Bradford, os índios são omitidos. No entanto, seu número era o dobro do número dos peregrinos colonizadores. De forma bem-humorada, o pai de Arnold rompe com a estabilidade histórica que coloca o colonizador como o único a ter voz naquele momento histórico, reafirmando a sobrevivência do índio, pois ainda sobram aqueles que podem dar graças por estarem vivos depois de tantos séculos.

Assim, os capítulos estudados têm ligação com dois aspectos específicos. O primeiro tem a ver com o relacionamento, às vezes conflituoso, às vezes amistoso entre duas culturas distintas e que estão irrevogavelmente em contato como reflexo da colonização. O segundo diz respeito ao indígena e à sua identidade como sujeito pós-colonial, cindida e silenciada, e que precisa ser negociada, reconciliando-se consigo mesmo e sua necessidade de convivência com os brancos. Trata-se de um fato que deixa de ser uma opção e se torna uma exigência, como a presença dos peregrinos naquele outono de 1621.

O dia de uma comemoração historicamente controversa aos índios, vivido em paz com a família, e o início da reconciliação com Rowdy são indícios de que Arnold Spirit Jr. começa a recuperar sua identidade como indígena, recebido pelos índios na reserva, outro índice da sobrevivência do indígena. Porém, os fatos ocorridos na escola, como a amizade com Gordy e o 'enfrentamento' ao professor representam também a negociação de sua presença em outra cultura, à qual Arnold não pode escapar sem danos, em um processo de transculturação. O termo foi cunhado pelo crítico cubano Fernando Ortiz, em 1940, para designar a síntese de diferentes etnias e culturas que conviviam em Cuba, sendo retomado e desenvolvido por Pratt (1992).

A autora mostra que não existe uma convivência harmônica entre duas culturas diferentes, mas sempre há relações de poder, onde identidades e culturas disputam em relações desiguais dentro de um local de convivência denominado por ela de 'zona de contato'. A transculturação é um fenômeno da zona de contato, uma vez que se refere às apropriações de materiais nativos pelos europeus, mas também à maneira com que os colonizados se apropriam e se representam aos olhos coloniais. Trata-se, assim, de um conjunto de imagens e discursos que formam o repertório no qual as representações culturais são feitas. A zona de contato, portanto, se configura como uma fronteira cultural que engloba as interações entre as culturas dentro de relações assimétricas de poder.

Essa convivência ocorre em *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente*, tanto na escola quanto na reserva, resultado das relações coloniais, configurando-se em uma relação assimétrica que vai, ao mesmo tempo, modificando ambas as culturas. Mas a mensagem final do contato entre culturas e do dia de Ação de Graças na trama é esperançosa: o pai sóbrio e a mãe relaxada, sem se desesperar pelo marido, o que acontece com frequência durante o livro, a voz e a amizade que surgem na escola e a perspectiva de ser aceito novamente na reserva. E o fim do livro mostra a realização dessas perspectivas.

Considerações finais

De forma irônica e bem-humorada, Sherman Alexie focaliza a convivência e o conflito entre duas culturas na zona de contato. O mundo visto pelos olhos de um adolescente acrescenta aos problemas típicos da idade os conflitos de sua subjetividade e etnia que envolve as relações pós-coloniais, resultados da própria colonização dos Estados Unidos. Os capítulos estudados são uma resposta a um fato histórico que, em seu princípio, significou a dominação e a derrota dos indígenas, mas se torna um motivo de união e um momento de paz, que auxilia no restabelecimento da identidade do próprio índio.

Tanto após o primeiro dia de Ação de Graças histórico quanto após o dia de Ação de Graças na reserva indígena Spokane, os índios passam por um momento feliz seguido de imensas tristezas e perdas – os Wampanoag têm sua tribo dizimada; a família de Arnold sofre grandes perdas: a avó, a irmã e o melhor amigo do pai. Porém, em ambas as situações, o indígena sobrevive. E, como diz o próprio pai de Arnold, todos devem dar graças a Deus por ainda estarem vivos.

Assim, o aspecto mais importante do dia de Ação de Graças nos capítulos apresentados em *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* é a sobrevivência do indígena. Arnold não é, portanto, apenas uma sombra autobiográfica de Alexie, mas também representa o indígena proveniente de uma cultura híbrida, gerada na zona de contato, que negocia sua identidade em todas as sociedades nas quais convive. O capítulo mostra uma reconciliação do índio com a família, sua reserva, sua tribo e a sociedade em geral, branca e indígena. O dia de Ação de Graças e seu sentido são apropriados por Alexie, e subvertidos, tornando-se o indício da sobrevivência do índio frente ao decreto de sua ausência, tanto metafórica quanto física. A identidade do indígena representado por Alexie sobrevive, mesmo com as

tentativas de sua destruição e silenciamento no decorrer da história, apesar de – e também com – o dia de Ação de Graças.

A escrita indígena é rica em sentidos e símbolos. Por isso, mostra-se como campo a ser reconhecido e estudado. A própria obra apresentada oferece muitos caminhos para pesquisa tanto dentro da área pós-colonial, quanto do ponto de vista semiótico, estrutural narrativo, sociológico, psicológico, entre outros instrumentais teóricos. Além de Sherman Alexie, muitos outros autores e críticos de origem indígena norte-americana e brasileira também podem se tornar material de pesquisa e fruição, com estilos diferentes e igualmente intrigantes.

Referências

- AFTER the Mayflower (Episode one). **We Shall Remain**. Georgia: PBS. 20 de abril de 2009. Documentary. 74 min. (A production of American Experience, in association with NAFTA).
- ALEXIE, S. Why the best kids books are written in blood. **The Wall Street Journal**, New York, June 9, 2011. Caderno Art and Entertainment; Speakeasy p. 1.
- ALEXIE, S. **O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente**. Ilustrações de Ellen Forney. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Galera Record, 2007.
- APPIAH, K. A. Race. In: LENTRICCHIA, F.; LAUGHLIN, T. (Ed.). **Critical terms for literary study**. London: University of Chicago Press, 1990. p. 274-287.
- ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Key concepts in post-colonial studies**. London : Routledge, 2007.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo horizonte: UFMG, 1998.
- BRADFORD, W. **History of Plymouth Plantation**. Boston: Little, Brown and Co., 1856.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JOHNSON, C. **The 1621 Thanksgiving**. Available from: <mayflowerhistory.com>. Access on: Mar. 10, 2013.
- MOHAN, E. Putting multiethnic students on the radar. A case for greater consideration of our multiethnic students, In: STEINBERG, S. R. (Ed.) **Diversity and multiculturalism**. A reader. New York: Peter Lang, 2009. p. 131-141.
- NATIONAL BOOK FOUNDATION. **National book awards 2007** – best young's people literature winner, 2007. Available from: <http://www.nationalbook.org/nba2007.html>. Access on: Mar. 11, 2013.
- PRATT, M. L. **Imperial eyes: travel writing and transculturation**. London: Routledge, 1992.
- SHENANDOAH, J. **All spirits sing, music for little people**. Sacramento: Tower Records, 1997.
- SILVERMAN, D. J. **Thanksgiving Day**. In: Encyclopædia Britannica. Available from: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/590003/Thanksgiving-Day>. Access on: Mar. 10, 2013.
- VIZENOR, G. **Fugitive poses: native american indian scenes of absence and presence**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1998.
- VIZENOR, G. **Survivance: narratives of native presence**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2008.
- WAMSUTTA, F. B. J. **Suppressed speech of wamsutta (Frank B.) James, Wampanoag**. Plymouth: Information Clearing House, 1970. Available from: <http://www.informationclearinghouse.info/article21333.htm>. Access on: Mar. 11, 2013.
- WINSLOW, E. **Primary sources for 'The First Thanksgiving' at Plymouth**. Mourt's Relation. Pilgrim Hall Museum. Available from: <http://www.pilgrimhallmuseum.org/pdf/TG_What_Happened_in_1621.pdf>. Access on: Nov. 26, 2012.

Received on January 18, 2014.

Accepted on May 20, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.